

1-80



AS REVELAÇÕES DO PLAUSÍVEL: A CASA DAS NOVIAS

Peça em um único ato

Luclides Dutra de Moraes (KYDO) Junho 78

Gerárial: A cargo do diretor, mas deve ter todas as especificações surgidas no transcorrer do texto.

Personagens: Celmas, Getúlio, Maria, Miriam, Dona Gertrudes, Imagem I, Imagem II

- x - x - x - x - x - x - x - x Teatro de Arena
Av. Borges de Melo, 835
Fone: 226.0142 - CEP 90020-025

(A PRINCÍPIO APENAS UMA MÚSICA BEM SUAVE SE ESCUTA; A MÚSICA É EXTREMAMENTE BAIXA) (APOS UMA LUZ VERMELHA COMEÇA A ILUMINAR FRACAMENTE O PALCO, ENQUANTO A MÚSICA AUMENTA UM POUCO DE VOLUME) (COMEÇA A SER VISIUMBRADA O VULTO DA PRIMEIRA IMAGEM, NO PALCO) (A MÚSICA CONTINUA TOCANDO E ELA COMEÇA A FAJAR).

IMAGEM UM: "Se dez vidas eu tivesse... dez vidas eu daria." (Tiradentes)

IMAGEM DOIS: (ENTRANDO) "Sigan-me os que forem brasileiros." (Duque de Caxias)

IMAGEM UM: "Até que um dia... Até que apague... da vida e arranha-céu da espada" (Kydo)

IMAGEM DOIS: Em mercêia na cêseuro, não mereço?

IMAGEM UM: "Era muito difícil viver naqueles dias, e ele sabia disso. Levantar, sentir a luz machucando a vista parada e triste, e olhar para o velho violão amassado num canto qualquer e perdido. Era triste, e os seus olhos jamais se acostumavam a esta situação que já não era nova. Anos e anos jogados na luta; uma música; um dia; um delírio; Ca leve e suave flutuando nas lembranças; era assim, e ele lembrava. Levantava os braços, e passava a mão de dedos enroscados pelo cabelo, alisando forçosamente os crespos, que se debatiam feito bolas. Exristencia a vida com um peso sobre os seus ombros. Magoava-se o vento que já não o encontrava sob as luzes, sob os "spots", sob os versos impressos sobre um cartaz. Magoava-se consigo enferrujado dentro da mente;

o corpo suscitava: a mesa, o colchão, a janela quadricular fechada e as cortinas que não estavam, as cadeiras — duas apenas — a sensação de derrota, e o olhar parado no violão que estava... O tempo corria em sua existência. Lá fora as crianças gritavam, brincavam, brigavam, riam, amavam no ambiente para as escolas. E o escolar da vida sentia as forças pequenas quando erguia o corpo, a alçava a esperança perdida em outras tardes para o novo dia. Um café, que não era gordo, que não era magro... Na vitrola ainda escutava os últimos lampos do último disco, da última noite, da último passado, e de último futuro!"
(De conto "QUANTO A QUESA É DIFÍCIL", ou uma pequena amostra grátis de que vem produzido em matéria de contos)

IMAGEM DOIS: (COMEÇA A GARGALHAR PROFUNDAMENTE)

IMAGEM UM: (CORRE PARA O MEIO DO PÚBLICO) (RINDE COMO UMA CRIANÇA, COMO UM BEBÊ. COMEÇA A PASSAR A MÃO PELAS PESSOAS PRESENTES)

IMAGEM DOIS: Meu poema deveria ser

um grito de
ódio
a
tudo
que
já
foi
perdido.

embora também
elas
não
nascessem

existir.

(Obsessão II, poesia - Mais uma pequena amostra)

(NO FUNDO DO PALCO UM PEQUENO ESPAÇO COMEÇA A SER ILUMINADO, SURTIENDO POR ELE: GENTILIO, COM UM LIVRO EM SUAS MÃOS. SOMENTE A PARTE SUPERIOR DO CORPO DE GENTILIO É VISÍVEL) (AS DUAS IMAGENS JUNTAM-SE AS MÃOS E VÃO PARA O FUNDO DO SALÃO)



... (DIZ A "DE CARRA") ... (DIZ A "DE CARRA") ...
... (DIZ A "DE CARRA") ... (DIZ A "DE CARRA") ...
... (DIZ A "DE CARRA") ... (DIZ A "DE CARRA") ...
... (DIZ A "DE CARRA") ... (DIZ A "DE CARRA") ...
... (DIZ A "DE CARRA") ... (DIZ A "DE CARRA") ...
... (DIZ A "DE CARRA") ... (DIZ A "DE CARRA") ...
... (DIZ A "DE CARRA") ... (DIZ A "DE CARRA") ...
... (DIZ A "DE CARRA") ... (DIZ A "DE CARRA") ...
... (DIZ A "DE CARRA") ... (DIZ A "DE CARRA") ...
... (DIZ A "DE CARRA") ... (DIZ A "DE CARRA") ...

Dr. GERTRUDES: Faltaram as senhoras (A USA) E com muito prazer que eu eu vou estar aqui, nesta noite. Principalmente vocês, as mães de nossas futuras amiazinhas. Como vocês já sabem, hoje elas estarão apresentando em homenagem ao Dia das Mães, um trabalho por elas especialmente elaborado. Mas antes, eu gostaria de pedir uma salva de palmas para a professora que conseguiu orientá-las nesta bela e maravilhosa criação artística. De Mimosa, por favor...

(APONTA PARA A IMAGEM DOIS, QUE ESTÁ NO FUNDO DO AUDITÓRIO; A IMAGEM DOIS VAI A FRENTE, USANDO UMA PERUCA LOIRA E CRESPA, E COM OS LÁBIOS PROFUNDAMENTE RUBROS PELO BATOM; ONDE RECEBE OS APLAUSOS DO PÚBLICO, E UM BUQUÊ DE ROSAS QUE LHE É OFERTADO POR MARIA)

MARIA: D. Mimosa, as meu nome e em nome de todas as amiazinhas minhas colegas, eu lhe agradeço essas suas felicitações...

D. MINORA: Ohhh!!! (SAI ENXUGANDO AS LÁGRIMAS)

GERTRUDES: E agora, sem mais delongas, vamos ao espetáculo...

(TOCA UMA MÚSICA CARACTERÍSTICA DE UM PROGRAMA DE TELEVISÃO QUALQUER)

(APAGAM-SE AS LUZES SOBRE O AUDITÓRIO) (ACENDEM-SE AS LUZES SOBRE O PALCO)

(ENTRAM EM CENA GETÚLIO, CELSUS, MARIA E MIRIAM; E COLOCAM-SE EM FORMAÇÃO PARA UM CORO PALADO) (CELSUS E GETÚLIO TRAJAM CALÇAS CURTAS E SUSPENSÓRIOS, ENQUANTO MARIA E MIRIAM USAM VESTIDINHOS FREGUEADOS E CRAVATINHA)

TEMOS



TOUROS: A MÃE

(PAUSA)

Não existe nada mais belo, mãe, do que a mãe, mamãe! E foi para você, neste dia tão querido por todos nós, em que homenageamos as nossas mãezinhas, que nós fizemos e preparamos este pequeno programinha.

MÁRIA: E esperamos que você, mamãe querida, goste disto que agora fazemos com todo o nosso amor e carinho.

GETÚLIO: "Quando eu era pequenino, mamãe me dava leite.

Agora que eu sou grande, mamãe me dá porrete."

(FICAM TOLOS DEBATEANDO POR ALGUNS SEGUNDOS NOS QUAIS NENHUM FALA, ATÉ QUE MIRIAM CUTUCA MARIA, COCHICANDO)

MIRIAM: Maria, é você?

MÁRIA: (LEVA UM SUSTO, MAS LOGO SE RECOMPÕEM).

Há muitos e muitos anos atrás, na época em que os animais falavam...

CELZUS: E os homens também...

MÁRIA: Havia uma moça muito bonita que se chamava Rapunzel!

CELZUS: E foi exatamente aí que começa a nossa história, a nossa história de crianças. Foi assim que vocês, que hoje aí estão sentadas nos criadouras, foram os primeiros passos fortes e juvadauros para uma boa educação...

D. GERTRUDIS: (NO MEIO DO PÚBLICO E PARA ELA)

Os outros passos, naturalmente, foram dados pela... Ora, ora... ahnon... Pela Casa das Mães, naturalmente!

MIRIAM: Mas nós crescemos, e um dia saímos de casa e viemos parar no Centro, logicamente; para que o nosso aprendizado continuasse a crescer.

GETÚLIO: E assim nós fomos vivendo os primeiros dias de aula, e os primeiros amigos, e os primeiros anos.

CELZUS: Oh! Mãezinha, muito obrigado!

MÁRIA: E é por isso que agora estamos felizes...

TOUROS: Oh! Como nós somos felizes!!!

MIRIAM: Mas foio tempo passando, e nós fomos crescendo.

MÁRIA: E é por isso que agora te agradecemos, mãe...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



GETÚLIO: Por tu teres nos deixado crescer...

CELSUS: E aprender...

MARIA: Todas as maravilhas...

MÍRIAM: Deste mundo...

TODOS: E desta sociedade!

(CORREVAM-SE PARA OS APLOUSOS)

D. MIMOSA: (SUBINDO NO PALCO)

E agora o Celsus vai declamar uma poesia de sua autoria, não é Celsus?

(JUZ APENAS SOBRE CELSUS E D. MIMOSA)

CELSUS: (COM UM PAPEL NA MÃO) Eu vou declamar esta poesia.

D. MIMOSA: Não vai, não!

CELSUS: Declama sim; ou então eu conto pra todo mundo que você tava fofeado com o professor de Educação Física, lá no Ginásio!

D. MIMOSA: Mas claro que você pode declamá-la, meu anjinho! Eu só estava brincando...

CELSUS: É... é sim... Bem... (JUZ NORMAL) (PARA O PÚBLICO)

De minha autoria: UMA CHAMA A SE APAGAR

Em cada passo
o mesmo passo
em cada mão
a mão é a mesma
em cada dia
o mesmo dia
em cada ação
um mesmo fato
e em cada fato
um delito sempre
nas narinas
consumido
insensato
consumido

CORTE



em cada seu dia
 a mesma doutrina
 na liberdade
 em que concordia
 a propaganda dilui
 alienando matas
 e o povo
 (que também se apaga)-

IMAGEM UM: (DO MUNDO DO PÚBLICO)

Muito bem!

D. NINFA: Oh! Como é divino este seu
 poeta!

GERTRUDES: Muito bem, esta foi a poesia deste nosso aluno...

(LUZ SCENE CELSUS E GERTRUDES)

Seu estúpido! Seu burro! Seu anarquista! Desvirtuando o nosso pro-
 grama especial para o dia das mães assim deste jeito! Onde já quis
 se viu?

CELSUS: Mas, D. Gertrudes...

D. GERTRUDES: Nem mas, nem mais não! Arranca-se! Tira essas calças curtas ridícu-
 las e vá direto ao meu escritório! Não como antes chefe de grupo
 permitir uma coisa dessas!

(LUZ NORMAL) (PARA O PÚBLICO)

E agora continuaremos com o nosso programinha especial para o dia
 das mães, com a apresentação do nosso grupo de ballet, com a dança
 "A MORTE DA NÚMIA".

(APAGAM-SE AS LUZES) (ESCUA-SE O TOQUE DE UMA SINERA) (A MÚSICA VOLT A ASSUMIR
 A SUA PLENITUDE TEMPORÁRIA) (COMEÇAM A SEREM ESCUTADAS AS DUAS IMAGENS)

IMAGEM UM: (VINDO DO MUNDO DO AUDITORIO)

For por mai livin flox

mor cor iam vinli rolf

omc ero aim nitál leof

ram roc mia vilni offi

(REPETE TRÊS VEZES)

IMAGEM DOIS: (JUNTO COM A IMAGEM UM)

Dallí morliá

flidafflimorf

morliáflidaf

flidafflimorf

(REPETE TRÊS VEZES)



(ESCUTA-SE NOVAMENTE O TOQUE DE UMA SINETA) (AS DUAS IMAGENS COMEÇAM A GARGALHAR SARCÁSTICAMENTE, ENTÃO FALAM)

IMAGENS UM E DOIS: Esse medo em mim do mesmo modo como também esse medo em mim do mesmo modo como também existe em vocês!

(APAGA-SE A LUZ) (SAEM AS IMAGENS DE CENA) (UMA MÚSICA SUAVE VOLTA A TOCAR) (A LUZ ACENDE FORMANDO UM CONTRASTE ENTRE AZUL E VERMELHO, DE FORMA QUE O PALCO FIQUE POUQUÍSSIMO ILUMINADO)

CELSUS: (SENTADO EM UMA CADEIRA NO CANTO DIREITO DO PALCO)

Hoje as minhas mãos estão presas. O meu braço não se ergue mais agitando e dando força ao vento, para que ele caminhe. Foi uma vítima do tempo que tudo faz e tudo consegue. Os meus olhos se acostumaram às coisas tristes, e tudo continua o mesmo. Nós também passamos e não conseguimos mudar.

GETÚLIO: (ENTRANDO E FICANDO DO LADO ESQUERDO) (MAIS ATRÁS)

Ainda ontem o dia era outro. Hoje já não é mais o mesmo e amanhã será diferente de novo. (PAUSA) Tu tenho medo, Celsus!

CELSUS: Eu também tenho esse mesmo medo, Getúlio!

GETÚLIO: Que nos barra os ideais...

CELSUS: Quê nos barra as sensações...

MARIA: (ENTRANDO PELO FUNDO DO AUDITÓRIO, ÀS COSTAS DO PÚBLICO) Celsus! Getúlio!
A reunião de hoje foi adiada!

MIRIAM: Foi sim! (VINDO ATRÁS DE MARIA) Elas não querem que os estudantes se reúnem.

GETÚLIO: Mas nós precisávamos desta reunião.

MARIA: Os professores não querem mais dialogar conosco.

CELSUS: A nossa voz ninguém mais quer escutar...

MIRIAM: Os nossos colegas concordaram!

GETÚLIO: Mas eles não podem concordar com isso!

CELSUS: E Herrival!

MARIA: Nós não podemos admitir!

CELSUS: Eles nos estão obrigando.

MIRIAM: Mas nós não queremos as coisas dessa maneira.



GRACIANO: Nós não queremos a municipalização.

MARIA: Estaria tudo bem se não fosse isso.

GRACIANO: Masá certo! Não concordamos com tantas coisas. Porque eles não concordam conosco nisso?

MARIA: Nós não podemos mais reclamar.

GRACIANO: Não podemos mais reclamar...

GRACIANO: Podemos sim! Podemos sim! (DESANIMADO) Ou não?

MARIA: Por que temos que ser municipalizados?

GRACIANO: Aquelas tiras de fazenda branca!

MARIA: Mas são apertadas...

GRACIANO: O quê? Você já foi municipalizada antes?

MARIA: Não! Mas um dia em que a Mariazinha, a Dona Gertrudes estava dormindo, eu entrei lá e experimentei para ver como é que fica!

MARIA: E então?

MARIA: Pica horrível! A gente se sente mal.

GRACIANO: Eu não sei como é que a gente se sente quando é municipalizado, mas todos os que foram, se não sei... Mas eles me parecem tão idiotas...

GRACIANO: É, é isso mesmo! Eles ficam mesmo com uma cara de idiotas, com uma cara de bobas.

MARIA: Também, com aquela monte de fita branca por todo o corpo.

GRACIANO: E aquele caminhar desengonçado...

GRACIANO: Nós não queremos ser municipalizados. Nós não precisamos ser municipalizados.

MARIA: Mas o que nós iremos fazer? Os chefes não querem nos ouvir!

(APAGA-SE A LUZ) (LUZ SOBRE A TRAJE EM, VESTIDA DE REI) (TEM UMA MEDALHA SOBRE O PEITO)

(COMEÇA A TOCAR UMA MÚSICA DE CARNAVAL)

Onde todos, ninguém nunca possui medalha! E vocês sabem por que ninguém não tem medalhas? Porque ninguém não tem peito! (DÁ UMA RISADA) Aquela cor-de, em terra de ninguém, quem tem medalha, é eu! (LUZ COMO ANTES)

MARIA: Mas o que nós iremos fazer? Os chefes não querem nos ouvir!

GRACIANO: Revolução! Vamos fazer uma?

GRACIANO: Não, as revoluções nunca levaram a nada! Elas não entregaram do que nós precisamos!



MIRIAM: É Celsus! Você não deixa de ter razão!

MARIA: Mas o que então nós iremos fazer? Aceitar?

CELSUS: Não, não, obrigatoriamente!

GERTRUIO: Como?!!

CELSUS: Eu acho que nós devíamos esperar o tempo passar!

MIRIAM: E esperar....

MARIA: E nós já estamos cansados de tanto esperar e mesmo assim continuamos esperando.

GERTRUIO: E continuaremos sempre a esperar e esperamos cada vez mais e mais.

CELSUS: Acontece que nós estamos em uma escola a grande CASA DAS MÓVIAS, entidade assistencial...

MIRIAM: Financiada pelo governo...

CELSUS: Que tem por fins primordiais a formação das melhores e mais capazes móbias desta nação.

(APAGA-SE A LUZ) (SAEM TODOS DE CENA) (ENTRA EM CENA D. GERTRUDES) (ACENDE-SE A LUZ, DESTA VEZ É AMARELA)

D. GERTRUDES: Meu nome é Gertrudes, como vocês já devem saber. Minha função é ensinar as orfelinhas a serem boas móbias no futuro. Para tanto eu recebo um mísero salário, mas eu não me importo com isso. É questão de dom, sabe? O meu dom é esse. O que é que eu vou fazer?

(PAUSA ENQUANTO ENTRAM CELSUS E GERTRUIO DE CORTINAS PRÉO CENÔ. OS DOIS ABASTAM-SE ATRÁS ONTEM ESTA D. GERTRUDES, E FICAM A ESPERAR, SEM MOVIMENTOS, AS SUAS BELAS PERNAS) Quando eu entro nessa sala de aula, todas as futuras móbiazinhas me olham emburradas. Eu não sei por quê. É questão de dom, sabe? E se tenho esse dom eu tenho o dom de ser amada pelas futuras móbiazinhas! Ora! Como isso é bom!

(D. GERTRUDES VAI SAINDO DE CENA, À MEDIDA QUE MIRIAM ENTRA, TODAVIA ESTA FURVANTE DE FOPA DA LUZ)

CELSUS: Gertrúcio! Gertrúcio! Você se lembra?

GERTRUIO: De que, Celsus?

CELSUS: Daquela nosso primeiro dia de aula no jardim da infância?

GERTRUIO: Como a gente era bobo naquele tempo... você não acha?



CELSO: Tinha areia, gangorra, escorregador... Como a gente brincava!

MIRIAM: Você! Você é uma idiota guria!

- Mas professora!

- Você perdeu toda a confiança que nós depositávamos em ti.

- Mas professora...

- Vai embora, vai! (MIRIAM CAI NO CHÃO SEGURANDO A FACE)

GETÚLIO: E então, às vezes, eu fico pensando se não haveria um outro meio de viver que fosse melhor do que esse, sabe?

MARIA: Getúlio! Getúlio, eles agradeceram Miriam!

GETÚLIO: O quê?

MARIA: Sim, D. Gertrudes bateu nela!

CELSO: Foi Miriam quem nos defendeu, agora eles querem maltratá-la.

GETÚLIO: Celso!!!

CELSO: Nós estávamos certos.

MARIA: Eles maltrataram Miriam!

GETÚLIO: Miriam!!!!!!

MIRIAM: (LEVANTANDO-SE) Agora alguma coisa está diferente em nossos olhos.

CELSO: Alguém está deixando tudo isso escuro. Onde foi a luz? Onde? Eu quero apenas um pouco de luz!

MARIA: Celso, nós estamos ficando cegos!

CELSO: Não!!!

MIRIAM: Não!!!

GETÚLIO: Eles estão ali atrás da porta, gente! Olha!!!

MARIA: Vamos pegá-los?!

CELSO: Não! Ainda não! Eles estão em maior número!

GETÚLIO: Vamos nos secundar?

CELSO: Vamos!!!

MIRIAM: "Pela estrada afora eu vou bem sozinha,
levar estes doces para a vizinha".

MARIA: Eu poderia estar simplesmente aqui, parada, sem fazer muitas grandes coisas, mas vivendo como eu gostaria de viver a minha vida esquecida que não me deixas viver. Eu poderia estar simplesmente parada, e não reagir. Mas!



eu não quero esta vida assim tão fria e deserta. Eu não quero esta vida assim desse jeito. Eu quero uma outra vida.

(MARIA É ATINGIDA POR UMA FLECHA DE BRINQUEDO) (ENTRA A IMAGEM UM VESTIDA DE PAI)

(LUZ SOBRE MARIA E O PAI)

PAI: Maria Joaquina Fidelfa de Oliveira!

MARIA: Sim, pai!

PAI: Você já não pode mais brincar de índio com os seus irmãos.

MARIA: Fer que, papai?

PAI: (DURO) Silêncio! Lugar de mulher é dentro de casa, lavando a louça, passando a roupa. (SUAVE) Acontece que você já está ficando uma moçoína. (DURO NOVAMENTE) Eu não quero que você estude, mas sua mãe que; é puramente em atenção a ela que tu viaja, viu? (SUAVE) Amanhã tu vai pré cidade? (PAUSA) (DURO NOVAMENTE) E cuida o que tu vai fazê por lá, hem! Não quero filha minha sendo chamada de puta, viu?

MARIA: Eu já não aguento mais viver nessa sociedade, Miriam!!!

MYRIAM: Maria, você tinha pais antes de vir para cá?

MARIA: Tinha...

MYRIAM: E onde estão eles?

MARIA: Em casa. (PAUSA) E você, tinha pais?

MYRIAM: Tinha...

MARIA: E eles gostavam de ti?

MYRIAM: Não!

MARIA: (DÁ UMA RIBADA NERVOSA) Engraçado, que nem eu...

GETÚLIO: Todos nós estamos tão quietos... não é, Celsus?

CELSUS: É... Não, mas não. Há bem lá dentro uma espécie de bagunça interior. Você não sente?

GETÚLIO: Sim, é mesmo. E isto é real em todos. Na forma como falamos. De jeito estranho de falar.

MYRIAM: Minha bola! Minha bolinha! (BRINCANDO COM UMA BOLA DE PLÁSTICO, DAS PULA PULA MINHA ASIGUINHA. GRANDES)

CELSUS: Da maneira estranha com que se escondem.

MARIA: Todas as pessoas estão se revoltando...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



GRIGÓRIO: É clamando por um amor que jamais tiveram em suas vidas e clamando por uma liberdade que jamais tiveram em suas vidas que jamais tiveram uma liberdade que jamais teve um amor e clamando por uma liberdade que jamais tiveram em suas vidas e clamando por um amor que jamais tiveram em suas vidas...

CRISTUS: (COM VOZ DE PADRE) Jovem! Você tem um profundo vazio na sua vida, jovem! E quem irá preencher este vazio, jovem? Quem? Jesus! Entrega tua vida a Jesus Cristo, jovem, e ele te salvará. Entrega a tua vida a ele e arrepende-se de todos os seus pecados que Cristo te perdoará, e um novo mundo bem diferente se abrirá a tua frente, jovem! Jovem! Siga o caminho de Cristo! Jovem! Siga a voz do Senhor, jovem! (PAUSA) (VOZ NORMAL)
Ah! Que merda também!

MIRIAM: (COM VOZ DE PROFESSORA)

Ai, menino! Que feio! Tua boca deve estar suja! Não faça isso, garoto, não se enfeie! O papai do céu vai ficar triste...

CELSUS: Olha, quer saber de uma coisa? É merda mesmo. Toda esta sala, toda esta casa, todo este colégio, toda esta seita, toda esta religião, toda esta sociedade, todo este país, tá legal????

MIRIAM: Assistente! Assistente? Venha cá, Venha cá, ligeiro!

MARIA: (ENTRANDO) O quê? O que fei?

MIRIAM: Agora vamos. (BATEENDO COM O PÉ NO CHÃO) Vamos, diga para ela tudo aquilo que tu me diseste agora a pouco. (SILÊNCIO) Ah! tá de boca calada, né? Vamos, vamos, diz se tu é bem homem!

CELSUS: (COM VOZ DE FRESCO) Ai! Não diga uma coisa dessas D. Professora. Longe de mim, viu!

MARIA: Cadê o respeito, aluno? (ESCUA-SE O RUGIDO DE UM LEÃO, QUE BEM PODERIA SER O DO JÁ FALEGIDO LEÃO DA METRO)

CELSUS: O meu ex sei onde é que tá. E tá bem guardado. A senhora não precisa se preocupar com ele.

MARIA: Celso; você devia ser um pouco mais comportadinho, tá!

CELSUS: (COM VOZ DE CRIANÇA) Tá frito, tá. Dá um pirito, dá?

MARIA: Dou sim Celso, dou... (DÁ UM PIRULITO PARA CELSUS)



(OUVE-SE O TOQUE DE UMA SINETA) (TODOS CORREM PELO PASEO FAZENDO UMA BARRAGEM DE TRIPOLIAS) (ENTRA D. GERTRUDES COM UM LIVRO DEBAIXO DO BRAÇO)

D. GERTRUDES: Muito bem, meus alunos, silêncio! Vocês já estão bem grandinhos para fixarem brincando em aula. O ano passado ainda passava. Vocês estavam na sétima série, mas agora vocês já estão na oitava série, a um passo da Mumificação. Minha função é preparar vocês para a mumificação. É inadmissível que um de vocês seja contra a mumificação. (SILÊNCIO) (PAUSA) E agora, como todos vocês concordam com estes princípios básicos vamos a aula de História.

CELSO: O PROFESSORA?

D. GERTRUDES: Silêncio! Ao final da aula você pergunta. Continuando; vamos a aula de História. Abram seus livros na página 45. (TODOS ABREM LIVROS IMAGINARIOS) Trinta anos após a última grande guerra bacteriológica homicida, uma nova sociedade assumiu o mundo. Foi necessário que se estabelecesse um processo permanente de mumificação para que a Humanidade pudesse sobreviver a incrível desgraça que se abatera sobre o mundo. Assim sendo, nasceu a grande Nação das Múrias. (PAUSA) O nosso país é composto de um monte de múrias mais a Múria Suprema. A Múria Suprema é a mais sábia de todas as múrias, e é ela quem decide sobre o passado e o futuro das outras múrias. A Múria Suprema governa o país há duzentos anos, e é a responsável por tudo de bom que hoje ocorrerá entre nós, e também por esta liberdade imensa que gozamos. (PAUSA) Alguma pergunta?

CELSO: Uma perguntinha, professora?

D. GERTRUDES: Pois não, qual é?

CELSO: A Múria Suprema não morre?

D. GERTRUDES: Mas Celso, isso é pergunta que se faça? Você sabe muito bem que a Múria Suprema é imortal. (SILÊNCIO) E agora vamos repetir a oração das múrias.



(PÁZ O PÚBLICO LEVANTAR-SE) Vamos, repitas comigo: (TODOS JUNTO COM O PÚBLICO)

Nós, mãinas, somos o baluarte do trabalho, da sabedoria e da vida.

Nós, mãinas, nos orgulhamos disso.

Nós, mãinas, somos felizes mesmo que não haja motivos para isso.

Nós, mãinas, estamos sempre dispostas a cooperar em tudo.

Nós, mãinas, acreditamos na televisão.

Nós, mãinas, jamais reclamamos de coisa alguma e para nós tudo está bem.

Nós, mãinas, somos o futuro; e amaremos sempre a Grande Mãina Superiora. Amém.

(APACAM-SE AS LUZES) (SÃO TODOS DE CENA, FICANDO APENAS CELSUS E MARIA) (LUZ)

CELSUS: Maria!

MARIA: Sim!

CELSUS: Maria, você está aí?

MARIA: Estou sim, Celsus!

CELSUS: Mas você tem mesmo certeza de que está aí?

MARIA: Tenho, Celsus! Eu tenho mesmo certeza.

CELSUS: Mas baseada em quê?

MARIA: Baseada em quê e quê, Celsus?

CELSUS: Ora, baseada em quê que você tem certeza de estar aí?

MARIA: Olha, Celsus; falando bem a verdade, eu não sei. Mas eu sinto que eu estou.

Será que apenas isso já não é suficiente? (PAUSA)

CELSUS: Sabe de uma coisa, Maria?

MARIA: O que, Celsus?

CELSUS: Eu fico contente em ouvir você dizer isso...

MARIA: Por que, Celsus?

CELSUS: Porque a maior parte das pessoas não se preocupam em viver, e sim em como viver. Elas não se preocupam em estar dentro de si próprias e satisfeitas consigo mesmas, mas sim estarem dentro de uma sociedade se preocupando em satisfazerem os princípios desta sociedade.

MARIA: A vida é uma farsa, não é Celsus?

CELSUS: É sim, Maria. Eu concordo contigo. A vida é uma farsa e gigantesca farsa, uma mentira.

MARIA: Celsus?

CELSUS: Não!

MARIA: Vamos brincar de se recordar?

CELSUS: Vamos!

MARIA: Então corra! Sou eu quem procure. Vou começar a contar... Um. Dois. Três. Quatro. (SAI CELSUS) (LUZES APAGAM AOS POUCOS) (SAI MARIA) (ENTRAM EM CENA CELSUS E D. GERTRUDES) (ACENDEM-SE AS LUZES)

D. GERTRUDES: Celsus, eu sei que você sabe porque eu chamei você aqui?

CELSUS: Não, senhora, eu não sei...

D. GERTRUDES: Não?! Mas eu sei que você deveria saber!!!...

CELSUS: A senhora, eu acho, deve estar me interpretando mal. Afinal, eu não faço a menor idéia de porque a senhora ter me chamado.

D. GERTRUDES: Muito bem, Celsus! Já que você não sabe, uma série de ocorrências...

CELSUS: Sim...

D. GERTRUDES: Por exemplo:

CELSUS: Sim, por exemplo! Os fatos!!! Vamos aos fatos!

D. GERTRUDES: Oh! Sim! Me agrada que você seja direto.

CELSUS: Não há de que. Eu fico honrado com esse elogio.

D. GERTRUDES: Mas...

CELSUS: Mas eu não sei se foi bem um elogio ou não, sabe?

D. GERTRUDES: Isso não vem ao caso!

CELSUS: O que não vem ao caso, senhora?!

D. GERTRUDES: Se eu o elogiei ou não.

CELSUS: (SEM AFRESCALHADO) Ah, sim!

D. GERTRUDES: Você tem andado muito atrevido ultimamente.

CELSUS: O quê?

D. GERTRUDES: Isso, isso mesmo que você está pensando...

CELSUS: Mas o que eu estou pensando?

D. GERTRUDES: Não nos interessa o que você anda pensando. Nos interessa o que você está fazendo.

CELSUS: Mas o que eu estou fazendo?

D. GERTRUDES: Ora, menino! Não se faça de bobo!

CELSUS: Ó Dona Gertrudes?!

D. GARTHURDS: Não?

Calisto: Não quero ofendê-la...

D. GARTHURDS: Sim...

Calisto: Eu já tenho deztoito anos...

D. GARTHURDS: E o cuissão vem a ter com o caso?

Calisto: É que eu acho que não sou mais uma criança.

D. GARTHURDS (TÔNICA) Sim, você acha...

Calisto: É sim, eu acho? eu não sou mais criança?

D. Calisto: Mas o que tem isso a ver com o caso?

Calisto: Que caso, Dona Gertrudes, que caso?

D. GARTHURDS: Ora, não se faça de idiota.

Calisto: Mas que idiota?!

D. GARTHURDS: Mas eu tinha você por uma pessoa inteligente.

Calisto: Mas eu sou inteligente.

D. GARTHURDS: Não, você não é...

Calisto: Não, eu sou: e não fazer palavras bonitas, fazer palavras suas.

D. GARTHURDS: Não, você não é, e sabe por quê?

Calisto: Por quê?

D. GARTHURDS: Porque se você fosse inteligente você teria percebido logo o motivo pelo qual eu lhe chamei.

Calisto: Ah, é assim?!

D. GARTHURDS: É assim, sim?!

Calisto: Quer dizer então que eu sou um burro.

D. GARTHURDS: Não, eu não quis dizer isso.

Calisto: Duas vezes primeiro lugar na escola e sou um burro.

D. GARTHURDS: Não, eu não quis alegar isso. Eu acho que você não está entendendo; que você não sabe porque eu lhe chamei assim.

Calisto: Senhora, a senhora quer saber de uma coisa?

D. GARTHURDS: Sim?!

Calisto: Falando francamente...

D. GARTHURDS: Vamos, fale!

Calisto: Eu não sei mesmo.

D. GARTHURDS: Vin como você é burro?



Calisto: Mas tanto bem, em seu um burro. Mas talvez não se assuste.

Dr. GERTRUDAS: Calista, você não é burro não. Você, ao contrário, é um garoto muito inteligente. Mas é que você não tem a mesma experiência que eu tenho.

Calisto: E ninguém está vendo isso na a prova...

Dr. GERTRUDAS: E eu fico muito contente contigo por isso. É sinal de que nem tudo está perdido. Mas o que eu queria dizer, é que você não tem a mesma experiência que nós temos.

Calisto: Mas eu sei disso, Dr. Gertrudes!

Dr. GERTRUDAS: Lamentamos em consideração que eu tenho trinta e cinco anos de magistrado!

Calisto: É mesmo?!

Dr. GERTRUDAS: E você não sabe?

Calisto: Não!!!!? Isso é magnífico! Uma pessoa se dedicar tanto tempo assim na sua vida a uma única meta, a uma única função, a um único objetivo...

Dr. GERTRUDAS: Calista, você sabe de uma coisa?

Calisto: O quê, Dona Gertrudes?

Dr. GERTRUDAS: Eu sempre te achei uma pessoa muito sensível...

Calisto: E-E-E-é muito sensível, D. Gertrudes?!

Dr. GERTRUDAS: E isso é infeliz num mundo como o de hoje, em que os jovens são todos insensíveis. Mas isso não vem ao caso. O importante é o motivo pelo qual eu te chamei aqui, é que eu fiquei profundamente admirada quando um rapaz consciente, um amigo, uma pessoa sensível como você, tomou aquela atitude horrível, mesquinha, egoísta, de chamar aquela professora de palhaço em plena sala de aula!

Calisto: Ah! A senhora se refere a esse pequeno contratempo na aula de Rd. Cristã?

Dr. GERTRUDAS: Exatamente, a ela mesmo.

Calisto: Mas, D. Gertrudes: a professora chega numa aula em que oitenta por cento dos alunos são atreps, ou contra a igreja; e começa a falar em Jesus Cristo e nas virtudes da Doutrina Cristã...

Dr. GERTRUDAS: Ora, logicamente ela falava para os outros vinte por cento que se interessam...

Calisto:



OSVALDO: Acontece que elas são índias, D. Gertrudes!

D. GERTRUDES: (Inatenta) E aí, o que você faz?

OSVALDO: Ora, D. Gertrudes, eu sabia que se eu não falasse, ninguém iria falar, e então a aula ia ficar naquela xaropeira toda.

D. GERTRUDES: E então?

OSVALDO: E então eu perguntei aquilo que todos queriam perguntar, mas tinham medo.

D. GERTRUDES: E o que você perguntou?

OSVALDO: Eu perguntei se ela não tinha mais nada de interessante para nos dizer, se invés de nós ficar falando e falando e falando de passado, e de contar histórias que eram utópicas e bobas.

D. GERTRUDES: E o que ela respondeu?

OSVALDO: Mas a senhora já deve saber...

D. GERTRUDES: Mas acontece que eu ainda não sei...

OSVALDO: Não bem, ela disse que eu devia ser uma pessoa profundamente triste, e profundamente solitária para lhe fazer uma pergunta tão horrível, que era inevitável que numa sala de quarenta e tantos alunos apenas eu discutisse dela e daquilo que Cristo anotava.

D. GERTRUDES: E alguma mais se manifestou?

OSVALDO: Uma cinco levantaram os braços pedindo para falar, mas ela não lhes deu oportunidade.

D. GERTRUDES: Viu que meu exemplo o seu?

OSVALDO: Não, D. Gertrudes, eu não vi meu exemplo; e aí eu chamei ela de valhaq dizendo que ela estava ali contando aquelas péndas porque era a única coisa que ela sabia fazer, e que ela fazia isso porque precisava de dinheiro para viver, e não tinha outro meio de conseguí-lo; e ainda disse que a aula dela era chata, mas que podia ser melhor se ela abrisse um vive debate entre os alunos, para que nós discutíssemos os nossos verdadeiros problemas e da nossa sociedade, e não aquela frescura toda e cheia de enunciações que não levam a nada.

D. GERTRUDES: E você não está arrependido?

OSVALDO: Arrependido de quê?

D. GERTRUDES: De ter dito todas essas bobagens?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CALCUS: Mas D. Gertrudes, eu não creio que sejam bobagens: afinal sentia, era o que eu sinto...

D. GERTRUDES: Mas você sente isso mesmo?

CALCUS: Mas é claro que eu sinto. A gente fica na avia. Fica quieto. Passa. A gente acaba e não aprende nada de útil. Olha, D. Gertrudes, talvez a senhora vá me braba corrigir, mas já que estamos neste batente, vamos até o fim!

D. GERTRUDES: Sim!

CALCUS: D. Gertrudes, a gente não tem o direito de falar, a gente não tem direito de debater, nem falar, nem criticar: por aí vai! a gente fica ali pra quê? pra perguntar, pra quê?

D. GERTRUDES: Você não deveria falar assim, Calcus...

CALCUS: Mas, Dona Gertrudes, a gente não sente mais a liberdade de extravasar os sentimentos, a gente não tem mais a liberdade de rosnar os seus sentimentos para os outros... até parece que vocês querem que nós sejamos frías criaturas insensíveis!

D. GERTRUDES: Calcus?!

CALCUS: A gente não se sente bem. Todo mundo tem medo, e quando a professora virmos as costas todos lhe fazem assim! (FAZ UM GESTO OBSCENO QUALQUER QUE LEMBRAR COITO ANAT.) Ninguém gosta disto, D. Gertrudes, mas todos ficam quietos!

D. GERTRUDES: E então você se resolveu manifestar?

CALCUS: É, eu resolvi me manifestar, não havia outro jeito...

D. GERTRUDES: Claro que havia!

CALCUS: Havia?! Mas em que jeito?

D. GERTRUDES: Você deveria ter vindo falar comigo antes.

CALCUS: Mas eu vim, eu tentei; mas a senhora estava sempre ocupada, a senhora não tinha tempo para falar comigo.

D. GERTRUDES: Sim, mas existem pessoas exatamente com essa função!

CALCUS: Quais?

D. GERTRUDES: Ora, a Orientadora de Educação das Múmias!

CALCUS: Mas a Orientadora de Educação das Múmias também é professora de Educação Cristã, e também de OSPTM e de Munitismo Cívico...

D. GERTRUDES: Mas o que é que tem isso?

CALCUS: É que eu sei que ela não iria gostar.



20

Dr. GERALDO: Você sabia, mas sabia errado!

CELSO: Descriça...

Dr. GERALDO: Você não tem o direito de pedir desculpas.

CELSO: Descriça...

Dr. GERALDO: Silêncio, já disse!

CELSO: (SALAZAR) Descriça...

Dr. GERALDO: Você agiu muito errado, você sabe disso não sabe?

CELSO: Não sim!

Dr. GERALDO: Silêncio! Agora quem fala sou eu!

CELSO: É que parece que nos querem cercar todos os sentidos...

Dr. GERALDO: Silêncio, já disse! Não seja tolo, rapaz! Ora, ora, cercar todos os sentidos! Não seja burro, criança! A escola te dá tudo, que mais tu queres? Tem todo o estudo de graça, nada paga, que mais tu podes esperar? Imagina só quantas pessoas gostariam de estar nessa tua situação? Quantas? Imagina só quantas? Celso, você é um ingrato! Você não merece tudo isso que você está recebendo. Você não merece. Você é um porco, um sujo, um canalha. Você não merece nem essa roupa que você usa com tanto orgulho. Nem mesmo esse pó que está nestes teus bôças, nestes teus tênis sujos que estão sujando a minha sala! Você não merece. Mas eu estou disposta a esquecer tudo isso que você causou de mal para a nossa entidade... (PAUSA) Eu estou disposta a esquecer, mas antes eu quero que você me responda uma coisa, Celso: você quer mesmo ficar aqui?

CELSO: (ASSUSTADO) Quero sim! Eu amo este colégio!

Dr. GERALDO: Não, você não ama este colégio. Você não ama coisa nenhuma! Você é um tolo, um bobão.

CELSO: Mas os sentimentos são meus, não da senhora.

Dr. GERALDO: Silêncio, não desista! Eu não quero saber o que você pensa ou deixou de pensar. Eu quero saber de como serão as tuas atitudes futuras. Três meses te arrepeter, mudar o teu comportamento?

CELSO: Prometo, senhora. Eu prometo. A partir de agora eu vou ser diferente, a partir de agora vai ver.

Dr. GERALDO:



D. GERTUDES: (BOMBATE AMIGÁVEL) Celsus, você é um líder.

CELsus: Não, eu não sou...

D. GERTUDES: Não, Celsus, você é um líder sim! Mas você deve ser um líder positivo. Não seja um líder negativo, tá?

CELsus: Sim, (PAUSA) desculpe!

D. GERTUDES: Muito bem! Agora eu creio que você entendeu, não é?

CELsus: É sim!

D. GERTUDES: Pois então você pode ir embora. Vamos, pode sair. Eu já estou cansada de conversar contigo. (CELsus LEVANTA-SE E VAI CALINGO) (GERTUDES O CHAMA) Celsus!

CELsus: Sim...

D. GERTUDES: Não se esqueça: um líder positivo, está bem?

CELsus: Sim... sim... desculpe... (RISCO) (D. GERTUDES AFORÇA-SE EM FORTES A UM LIVRO) (LIZ SOBRE CELsus) Senhoras e senhores desse respeitável público, que terá eu de negativo? Ou será apenas a minha pequena semelhança ou das assemelhança com os vossos velhos e preconceituosos princípios burgueses?

(D. GERTUDES SAI DE CENA) (A MÚSICA AGORA SE ESCUTA COM MAIS INTERESSE E É MUITO MAIS BELA) (ESCUTA-SE AS VOZES DAS IMAGENS)

VOZ DA IMAGEM UM: "Se dez vidas eu tivesse... dez vidas eu daria"

VOZ DA IMAGEM DOIS: "Sigam os que foram brasileiros"

CELsus: Eu merecia um discursos, não mereço?

IMAGEM DOIS: "Como é para o bem de todos, a felicidade geral da nação, estou pronto: diga ao povo que fico" (ENTRANDO EM CENA)

CELsus: Vamos dançar um tango? ((SAEM CELsus E A IMAGEM DOIS A DANÇAREM UM TANGO))

GETULIO: (ENTRANDO) "Ernesto Che Guevara
teu fim está perto
e não adianta estar certo
para vencer a batalha" (FERREIRA CULLAR -- DENTRO DA NOITE VER-
DOZ)

CELsus: (CHEGANDO-SE A GETULIO) "Os alvinistas estão chegando"!

GETULIO: Transformando tudo em outro tudo em outro tudo em outro tudo em outro!

CELsus: Eu mereço um tango, não mereço?

GETULIO: Eu queria tanto dançar um discurso...



G. TULLIO: Peão, peão, peão, peão, peão! G. TULLIO: A campainha! A campainha!
Peão, peão, peão, peão, peão! A campainha!!!!!!

G. TULLIO: Os estrechistas estão chegando.

G. TULLIO: Eu vou pintar um quadro, Getúlio! (PEGA UM CAVALETE E UMA TELA)

G. TULLIO: (VIRA A OLHAR DA FAMÍLIA, OU MELHOR, DA ABREVIATURA DO O PEQUENO ESPAÇO EN-
TÃO EXISTE NO FUNDO DO PAISIO? CONFORME O ENUNCIADO NA FOLHA 1018)
Que nome terá, Celsus?

G. TULLIO: (VIRANDO A TELA PARA O PÚBLICO. EM VEZ DE UM QUADRO SURTE UM ESPETRO)
A face da morte!

(ACORRE A LUZ) (SEGURO) (TODOS OS PERSONAGENS SAEM DE CENA) (ACORRE-SE AS LUZES
SÓBRE O PÚBLICO) (TODOS OS ELEMENTOS QUE TRABALHAM NA PEÇA, INCLUSIVE O ESPECIAL

DE ILUMINAÇÃO, SAEM COM PACOTES DE PIPOCA E COMEÇAM A VENDÊ-LOS NO MEIO DO PÚBLICO)
(NÃO TEM TEMPO DE VENDAS, APAGA-SE A LUZ SOBRE O PÚBLICO, E A PEÇA CONTINUA)
(ACORRE-SE O LÓZ DE CRIANÇAS BRINCANDO, DEPOIS O SOM DE UM SINO TOCANDO DISTANTE)
(O TULLIO É DE SECUTAR UM BARULHO DE CHUVA CAINDO) (UMA LUZ STROBOCÓPICA COMEÇA A
PISCAR ASSUSTADORAMENTE) (COMEÇA A CAIR DO TETO UMA CHUVA FIUDA DE PAPEL PÍCALO
DO MINIMINHO) (CÉLSUS ENTRA EM CENA)

G. TULLIO: Getúlio? Getúlio!

G. TULLIO: (DO FUNDO DO AUDITÓRIO) Celsus!

G. TULLIO: Getúlio, você está me ouvindo?

G. TULLIO: Estou sim, Celsus! Eu estou te ouvindo!

G. TULLIO: (CORRENDO ATÉ O MEIO DO PÚBLICO) Getúlio...!!!

G. TULLIO: Espera aí que eu já tô indo. (CORRE ATÉ CÉLSUS)

G. TULLIO: Getúlio, você sabe o novo cumprimento que eu inventei?

G. TULLIO: Não... não.

G. TULLIO: É assim, é! (ENSINA A GETULIO UMA FORMA DE CUMPRIMENTO TOTALMENTE ESTRANHA,
MAS QUE ACABA COM UM ESTALAR DE DEDOS, A VONTADE DO DIRETOR)

G. TULLIO: Que barato! Vamos ver de novo. (REPETEM O CUMPRIMENTO)

G. TULLIO: Legal, né?

G. TULLIO: Búá, se tá legal!!! (AVROS RIM)

G. TULLIO: É aí, Getúlio?



GETÚLIO: É aí digo eu, Fembasá! Afinal foi você que me chamou...

CELSUS: Pois é, né?!

GETÚLIO: Você foi falar com a velha mesmo?

CELSUS: Pui...

GETÚLIO: É o que foi que ela disse?

CELSUS: Eu não sei. Eu só sei que ela me deixou lá embaixo.

GETÚLIO: É o que a gente vai fazer agora?

CELSUS: Sabe, Getúlio?! Eu não sei... Quem sabe se a gente fizesse uma campanha pela oposição e pegasse o Grêmio da escola, ou então se a gente apresentasse umas duas ou três sacanagens, ou então se a gente simplesmente parasse.

GETÚLIO: Celso, não vai me dizer que você também não tá aguentando a barra?

CELSUS: Não, Getúlio! Não é isso. Eu continuo a pensar da mesma forma que antes, eu continuo a agir da mesma forma que antes. É que às vezes a gente fica pensando... será que vale a pena a gente ficar lutando por esta causa que a gente sabe que já está perdida?

GETÚLIO: Mas claro que vale, Celso! São os nossos sentimentos, são os nossos ideais!

CELSUS: Mas, Getúlio, não adianta nós ficarmos nos enganando. Nós jamais conseguiremos ter alguma liberdade dentro desta escola. Não somos líderes, Getúlio! Sim, nós somos líderes! Mas elas não querem líderes! Elas querem apenas alunos tolos e idiotas que façam exatamente aquilo que elas querem que elas façam, e não o que elas gostariam realmente de fazer. Elas querem apenas um bando de palhaços inconscientes que nas datas cívicas se dispõem a fazer papéis de índio nas apresentações comemorativas da escola. Elas querem alunos que no dia do professor tragam de casa uma rosa para os seus mestres dizendo: Dona Maria, em nome dos meus colegas e em meu nome, eu lhe ofereço este buquê de rosas com todo o nosso amor e carinho, com a nossa mais sincera admiração.

GETÚLIO: Palhaços!

CELSUS: Palhaços, sim! Palhaços!!! Mas é exatamente isso que elas querem.

GETÚLIO: E todos se transformando em belas e sorridentes múmias.

CELSUS: Sim! Em belas e charmosas múmias...

GETÚLIO: Sacoladas em fitinha mimosa.



CELSO: Mansos... mansos como cordeiros!

GATILHO: Quietos! Dominados! Trabalhadores! Servis!

CELSO: A nação crescerá às custas dos seus impostos!

GATILHO: (PAUSA) Eu também estou triste, Celso.

CELSO: Não dois estamos tristes, Gatilho! Nós dois estamos tristes porque todos os nossos amigos, todos os nossos companheiros, toda a nossa geração será de vítima de uma doutrina que visa apenas a formação de múmias, que não dá valor ao aspecto humano que cada um poderia ter dentro de si, mas apenas aquilo que possa produzir com o seu trabalho.

GATILHO: É uma escola que condena o surgimento de artistas, não é?

CELSO: É, embora todas as escolas tenham grupinhos de teatro incipientes e disforçados, montando pequenos textos infantis em homenagem ao dia das mães.

GATILHO: (COMEÇA A RIR) É o que nós iremos fazer, Celso?

CELSO: O que nós iremos fazer? Combater a tudo e todos? Combater esta sociedade imunda que cria estas coisas horríveis? Não, de nada nos adianta fazer alguma coisa...

GATILHO: Quem sabe se nós morrêssemos...?!

CELSO: Sim, Gatilho. É uma hipótese! Que sabe se a morte nos libertasse disso tudo não fosse bom...

GATILHO: Seria uma solução, não seria?

CELSO: O quê?

GATILHO: Deixarmos de viver, ora!

CELSO: Eu acho que nós já estamos mortos, Gatilho!

GATILHO: É... é...

CELSO: Nós já não temos vontade de nada. Nós já não temos forças para nada. Nós já não temos simplesmente nada...

GATILHO: Elas venceram, não é?!

CELSO: Não, não! Elas não nos podem vencer! Nós devemos lutar! Nós devemos lutar!

GATILHO: Mas com que armas, Celso? Mas com que armas? (PAUSA)

CELSO: Com as nossas vidas! (SOBE EM CIMA DE UM PEDESTAL)

As nossas vidas em peito desembainhado
serão a honra e a luta de todo estudentado.

GATILHO: Muito bem! Muito bem!



OSVALDO: É só - não se dá jeito e não dá para voltar, eu preciso que
fale; se fizessem alguma coisa, está apenas pelo estômago, e não
pelo punho e uma dessas velhas!

OSVALDO E IMAGENS: (AS IMAGENS MORTO NO MEIO DO PÚBLICO E INCITANDO-O A SE MANTE-
LER) Muito bem! Muito bem!!!

Bravos!!!!!!!

JÁ ganhou! JÁ ganhou!

OSVALDO: Obrigado, meus amigos! Eu sei que a minha voz revela também os desejos e
as dores e as decepções; porque nós esperávamos por uma coisa e nos encontramos
e encontramos outra totalmente diferente. Meus amigos, esta é a hora de
conhecemos e nos manifestar na luta pelos nossos direitos!!!

OSVALDO E IMAGENS: Muito bem!!!

OSVALDO: Abaixo a máfiação!

OSVALDO E IMAGENS: Abaixo!

OSVALDO: Por uma escola nova e mais humana!

OSVALDO, MARIA, MIRIAM E IMAGENS: Viva! Viva! Muito bem!!!

OSVALDO: Por novos caminhos a escolher, e não as velhas e estereotipadas covas
da doutrinação!

OSVALDO, MARIA, MIRIAM E IMAGENS: Muito bem!

OSVALDO: Vamos erguer as nossas mãos colegas, para que também sintam a força dos
nossos punhos!

OSVALDO, MARIA, MIRIAM E IMAGENS: Muito bem!

OSVALDO: Abaixo a velha escola!!! Queremos uma escola nova!

OSVALDO, MARIA, MIRIAM E IMAGENS: Abaixo a velha escola! Queremos uma escola nova!
Abaixo a casa das múmias! Viva um casa nova!

(AS VOZES AS VOZES VÃO DIMINUINDO, ENQUANTO AS LUZES PROCEDEM DA MESMA MANSOBRAS)

(OSVALDO) (SABE TUDO DE CENA COM EXCEÇÃO DAS IMAGENS) (COMEÇA A FISCAR INCESSANTE-
MENTE UMA SIROSCÓPICA) (ENTRA SALTITANTE EM CENA A IMAGEM DOIS PENTASTADA DE
MÃO, MONTADA EM UMA VASSOURA) (A IMAGEM UM ENTRA EM CENA COM UMA LANTERNA EM SUA MÃO)

IMAGEM UM: (COMEÇA A RIR CADAVERICAMENTE) Você já cometeu o seu pecado de hoje?
(PALANDO PARA NINGUÉM OU PARA O PÚBLICO) (TEM SUAS MÃOS HORRIVELMENTE
DESCARNADAS, PARECENDO AS DE UM MONSTRO, COM UNHAS CONTRIBAS) Você já
cometeu o seu assassinato de hoje? Você já xingou alguém hoje? Você já

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Você já bateu nos seus filhos hoje? Você já maltratou alguém hoje? Você já apertou alguém hoje? Você já negou alimento a alguém hoje? Você já viu alguém morrendo de fome hoje? Você já viu alguém morrendo de frio hoje? Você já viu alguém morrer sem socorro médico na frente do hospital, hoje, só por que não tinha a carteira do XXXXX Serviço Social? Quantos crimes você já cometeu hoje? Sim, quantos? Vamos: diga: quantos? (APAGAM-SE TODAS AS JUZES FICANDO APENAS A LANTERNA) Você é um criminoso, esteja certo disso. Você também é culpado! (A BRUXA COMEÇA A RIR SARCASTICAMENTE) (APAGAM-SE TODAS AS LANTERNAS) (ESCURO) (ENTRAM EM CENA GETÚLIO E MIRIAM) (LUZ NORMAL)

Getúlio: Miriam, há quanto tempo eu te conheço?

Miriam: Olha, Getúlio, eu acho que desde que nós entramos aqui.

Getúlio: Você sabe que isto aqui é engraçado?

Miriam: O que é engraçado, Getúlio?

Getúlio: A gente estar aqui, conversando... Você percebe que a gente nunca conversou antes?

Miriam: É...

Getúlio: Pois é... E a gente só veio conversar agora, depois que a Maria foi expulsa da escola, que o Celsus foi preso, que a turma acabou... Somenta agora que todos já estão mumificados.

Miriam: Por que, Getúlio? Por quê?

Getúlio: Somenta agora a gente conversa...

Miriam: Eu acho que nós estamos cansados, sabe? Sim, nós cansamos...

Getúlio: Nós não aguentamos mais a barra, Miriam, nós não aguentamos! E nós éramos os únicos que aguentávamos a barra, Miriam...! Eu não vou mais com vocês. Você se lembra? Você se lembra como era antes? Nós brincávamos! Nós riávamos! Nós falávamos! Éramos livres... Nós vivíamos! E agora, Miriam, e agora? Todos estão quietos, amordaçados. Todos não pensam. Todos não olham mais para quem está ao seu lado...

Miriam: Estão todos quietos e salados... contentes... É a mumificação, Getúlio... Você não pode mais fugir agora. Eu não posso mais fugir agora. Nós nunca poderíamos fugir, Getúlio... Nós jamais conseguiríamos fugir. Ninguém se salva, Getúlio. Ninguém...

Getúlio: Mas Celsus! Celsus! Ele salvou-se! Ele não é uma máquina! Ele não é uma



... Ela venceu, Miriam... Ele venceu! Conseguiu passar... para
trás e ultrapassou-os. Gozou da cara de todos...

MIRIAM: Mas ele foi preso, Getúlio! E ele agora está morto!

GETÚLIO: Não, ele não está morto! Ele ainda vive!

MIRIAM: Getúlio, você está ficando louco! Getúlio!!! Ele não vive mais. Ele está morto.

GETÚLIO: Não Miriam, ele está vivo. Ele está vivo aqui dentro. Eu o sinto. Você o sente. Todos nós o sentimos. Ele ainda vive dentro de nós. Em cada palavra, em cada coisa boa coisa bonita que disse, que falou, que viveu... Ele está vivo, Miriam! Ele está vivo!!! Ele está vivo! (ATIRA-SE AO CHÃO E FICA CURVADO, VAI AOS POUCOS LEVANTANDO) Eu não posso esquecer, Miriam! Eu não posso esquecer que nós saímos fugidos e fomos tomar café na venda do outro lado da rua. Você se lembra? E nós largávamos panfletos e nós bagunçávamos. Como era bom esse tempo em que nós aguentávamos a baurra... E depois quando a gente saía e ia chutando pedras pelo asfalto e era legal e a gente roubava laranja e bergamota, e quando eu saía; eu me lembro que eu saía com o Gelsus; e então a gente conversava, e eu não posso me esquecer que ele tinha uma visão diferente sobre a vida, sobre tudo isto que nós não poderíamos fazer ou deixar de fazer. Ele era simplesmente uma pessoa, Miriam! Mas mrmms conseguiram matá-lo, Miriam!!! Esta maldita sociedade conseguiu matá-lo, Miriam!

OS OUTROS: (ENTRANDO CORRENDO) Miriam! Getúlio! Maria! Vocês viram o meu último poema? Vocês viram os versos do meu último poema? Não? Olhem só! Escutem!

UMA CHAMA A SE APAGAR

Em cada passo o mesmo passo... (ETC. CONFORME A QUINTA FOLHA)

Me digam: Não é lindo? Não, não! Não digam nada. Eu sei que é lindo. Eu sei... E eu vivi a minha vida toda vivendo estas coisas lindas, embora tenham tentado me dilacerar, me esmagar, me triturar... Sim, elas tentaram isso comigo. Elas tentaram me enlouquecer. Não conseguiram. Elas não conseguiram... Elas não conseguiram... Eu sabia que elas não conseguiriam. Eu Gelsus, fui o mais forte. Eu venci. Eu venci esta luta inexistente, esta batalha inglória, e agora o meu sangue pode correr livre entre vocês. E eu não sou uma mrmia e eu jamais serei uma mrmia.



Tenho uma outra vida e uma outra dimensão. E as minhas tardes são dias e tar-
des enquanto eu olho através das paredes desse mundo infundável que passa atra-
vés delas e eu também passo e então eu percebo que eu também passo e aí é mais
difícil ficar, embora poucos sejam os que gritam, e embora eu que gritamos tam-
bém temos loucos, e que não interessa, e importante agora é que realmente eu vi-
vamos não me arrependo da vida que eu tive, porque ela foi um barato e eu gostei
de dela e eu gosto dela e era assim que todos deveriam viver embora muitas vezes
eu também estivesse triste do mesmo modo como estou triste agora porque antes eu
estava tempo e agora não há mais tempo, e há uma porção de vermes caminhando e
dentro do meu corpo e eu sinto que as coisas como estão não deveriam estar, me-
ntre que eu conseguisse sair desse meu mundo deserto e voar para longe... Getúlio,
Carla, Niziam, onde se meteram? Nós precisávamos arrancar nossos cabelos e nossemos
vestidos no raso de além, nós precisávamos ultrapassar os nossos muros no rumo
do sol, nós precisávamos para que alguém nos ouvisse em nossa tarde fria e seca
e onde morríamos em nossas vidas clandestinas. Meus amigos? Meus irmãos? Nós po-
díamos ter alcançado todas essas coisas e não conseguimos nada porque se fecharam
as portas e a mão assassina abateu-se sobre nós. Eu não queria que fosse assim,
mas é: ?? (PAUSA) E então a balança morre... (PAUSA) (SUBINDO EM UM FIDESTAL) Mas
não me importa que merda que vocês pensam, pois da minha vida eu farei um poema,
mesmo que seja um péssimo poeta!

(A MÚSICA Atinge a sua plenitude) (AS LUZES VÃO POUCO A POUCO DIMINUINDO) (E A
PEÇA CHEGA AO SEU FIM E TRISTE FIMAL)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 215
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MAIS UM ORIGINAL NYPO

NOTA: Para aqueles que um dia montarem esta peça:
O poema não está
em parte alguma
indefinidamente
mas em todas as vozes
momentaneamente.